



O documentário nas lutas emancipatórias dos movimentos sociais do campo: contra os agrotóxicos e pela agroecologia.

*The documentary film in the emancipatory fights of the social movements of the field:
against pesticides and in defense of agroecology*

FASANELLO, Matina Tarnowski¹;
Neepe/Fiocruz, mtfasanello@gmail.com

Eixo temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: Este trabalho apresenta uma síntese da tese de doutorado de título 'O documentário nas lutas emancipatórias dos movimentos sociais do campo: Produção social de sentidos e epistemologias do Sul contra os agrotóxicos e pela agroecologia', defendida no ICICT da Fundação Oswaldo Cruz. A tese analisa o papel do cinema documentário produzido no contexto das lutas de movimentos sociais do campo que, de um lado, denunciam o uso intensivo dos agrotóxicos pelo agronegócio e seus impactos na saúde e, de outro, anunciam como alternativas a construção de outro modelo agrícola baseado na agricultura familiar e na agroecologia. Os três documentários selecionados são compreendidos a partir de duas dimensões, a comunicacional e a epistemológica. Concluímos que os documentários analisados contribuem, pela capacidade de reunir ciência, arte e ética com práticas de co-labor-ação, co-produção e co-criação para criar alternativas de estratégias comunicacionais e epistemológicas.

Palavras-chave: produção social de sentidos; documentário; epistemologias do Sul; agroecologia; metodologia colaborativa.

Keywords: communication and health, documentary, epistemologies of the South, agroecology, collaborative methodology.

Introdução

Nesse momento histórico de impulsionarmos a construção da Agroecologia enquanto movimento, prática e ciência apresento minha tese de doutorado que buscou analisar o lugar do documentário enquanto estratégia de comunicação, de visibilidade, da pluralidade de vozes e saberes relacionados às lutas de movimentos sociais do campo e suas articulações. Estas articulações envolvem várias instituições e grupos acadêmicos, em especial no encontro da saúde coletiva com movimentos pela agroecologia e reforma agrária, que lutam contra o uso intensivo dos agrotóxicos e seus impactos na saúde. Tanto os movimentos sociais como as várias instâncias de articulação na forma de campanhas, fóruns e redes reconhecem a necessidade de obter visibilidade perante a sociedade para legitimar suas lutas. Para tanto, recorrem a narrativas com diversas possibilidades discursivas, dentre outras, a produção e circulação de audiovisuais.

O cinema, em especial o filme documentário, tem sido um lugar privilegiado para pensar tanto os efeitos perversos da sociedade capitalista, colonial e patriarcal, bem como refletir e circular ideias e práticas sobre as alternativas para as transformações sociais, econômicas e políticas. Trata-se de um espaço relevante na atualidade de



produção de pensamentos e reflexões sobre o que está acontecendo na sociedade e os desafios contemporâneos.

Nos documentários selecionados para análise de sua produção: “O Veneno está na Mesa”; “Chapada do Apodi, Morte e Vida”; e “Nuvens de Veneno” percebi três lugares de interlocução que propiciam uma interação de vozes e saberes: (i) o lugar dos profissionais do cinema, como o diretor; (ii) o lugar dos movimentos sociais e comunidades em suas experiências e lutas sociais; (iii) o lugar da academia, especialmente os pesquisadores engajados que atuam junto com os movimentos e comunidades em suas lutas. O encontro desses três lugares permite articular vozes e saberes na construção e disputa de outras narrativas, seja de crítica a realidades existentes, seja de outros mundos possíveis. O documentário, nessa perspectiva, reúne dimensões comunicacionais e epistemológicas que revelam contradições e possibilidades de transformação social a partir de lutas sociais, novos horizontes para continuarmos a caminhar. Os saberes científicos e engajamentos orbitam em torno do enfrentamento de um problema de saúde pública causado pela exposição aos agrotóxicos e sua alternativa de solução está associada à mudança de paradigma da agricultura pela proposta agroecológica. Minha busca de compreensão dessas estratégias também assume como partido a construção de alternativas metodológicas que contribuam para as lutas, resistências e construção de alternativas pelo direito a um concerto de vozes e uma ecologia de saberes. Ou seja, mais do que produzir conhecimentos a favor dessas populações invisibilizadas, produzir conhecimentos junto com elas por meio de práticas coletivas e colaborativas de co-produção e co-criação.

Busquei fazer uma reflexão de forma crítica sobre as dificuldades impostas à escuta das necessidades e vozes das populações e dos movimentos sociais do campo. Apoiei-me numa perspectiva da Comunicação e Saúde busquei desvelar os elos silenciados pelos processos de dominação dos interesses hegemônicos, avançando no sentido de estabelecer uma conexão entre a comunicação e a obra sociológica de Boaventura de Sousa Santos e sua proposição de epistemologias do Sul e Ecologia de Saberes. Para este autor, uma das tarefas centrais de uma perspectiva emancipatória na atualidade é enfrentar as formas sociais de produção da não existência de modos de ser, de saberes, experiências e alternativas que marcam o mundo contemporâneo. A noção de elos silenciados que propus na tese, sugere elos entre a não existência socialmente produzida de populações existentes no “Sul Global” e o desvendar de alternativas presentes e produzidas pelas lutas sociais dessas populações. Nesse caso, racionalidades e sentidos hegemônicos que desqualificam e silenciam alternativas ao que é considerado “progresso”, “científico”, “produtivo”, “universal” e “global”. Os agrotóxicos representam a ciência aplicada ao campo do controle das “pragas” para aumento da produtividade agrícola e fazem parte das inovações tecnológicas do agronegócio que integra o mercado de commodities da economia global. Já a agricultura familiar camponesa e a agroecologia, com suas práticas agrícolas “primitivas” e propostas de um mundo “utópico” de integração entre sociedade, economia, produção e natureza com solidariedade, não representariam alternativas plausíveis para um mundo “moderno”, economicamente poderoso.



Do lado hegemônico encontram-se não apenas as vozes do agronegócio e dos defensores dos agrotóxicos, mas de boa parte das instituições modernas, da ciência clássica e, certamente, da mídia hegemônica, que é financiada pelos setores econômicos mais poderosos e reproduz a racionalidade monolítica dominante. Do lado das populações oprimidas cuja existência é negada e sistematicamente silenciada, encontram-se camponeses, movimentos sociais do campo e, ainda, organizações e cientistas militantes que solidariamente se aliam aos que lutam por tornar plausível um mundo agroecológico e sem venenos. As lutas sociais de tais grupos não pretendem apenas desconstruir argumentos do outro lado, mas romper as barreiras que silenciam e condenam à não existência seus saberes e suas experiências. Trata-se, portanto, de uma batalha simultaneamente epistemológica, comunicativa e política que busca romper com a comunicação imposta para o controle e a dominação, desvelando outras racionalidades e vozes que ampliem o presente, por conseguinte, possibilitem outros futuros.

Metodologia

Diante dos desafios, propus - simultaneamente à análise - pensar técnicas de investigação dentro de uma abordagem participativa com pesquisas e intervenções colaborativas no panorama do audiovisual e sua possibilidade de potencializar a escuta e a análise das vozes e discursos sociais em documentários.

A partir dessa perspectiva teórica, elegemos a entrevista, ao lado da análise semiológica dos documentários, como um importante método para investigar as condições de produção social dos sentidos. A aposta foi na modalidade da entrevista narrativa, que permite ativar o espírito, entendido como formas mais plenas de engajamento relacionadas às experiências e formas de sentir e pensar do sujeito entrevistado. Um método de pesquisa construído cujo modo de realização permitiu a emergência de condições de aproximação entre participantes da pesquisa. Tratou-se de uma abordagem metodológica de pesquisa na qual as metáforas e analogias das histórias da tradição oral que são contadas no início das entrevistas negociam a distância e formas de aproximação entre diferentes saberes e perspectivas nos processos de produção e atribuição de sentidos. A intenção nessa prática é proporcionar uma relação impregnada de afetos e sensações, buscando pensar a realidade por meio do encantamento. Essas histórias buscam propiciar o contato com a própria experiência dos envolvidos por meio das percepções que afloram no processo de contar e escutar histórias, sendo a metáfora das histórias o canal de acesso a essas experiências. Nesse sentido, redescobre-se a oralidade como linguagem e expressão de saberes que, de outra forma, não poderiam ser transmitidos e fazer parte de processos dialógicos. Uma história de origem permite a conexão e engajamento ativo com outras histórias, numa dinâmica que possibilita a construção de outros relatos e outros textos.

Na análise foram aplicados alguns elementos dos dois referenciais teóricos privilegiados na tese. O primeiro provém de uma perspectiva teórica da produção



social dos sentidos, com as categorias bakhtinianas de polifonia e dialogismo. O segundo busca se apropriar de algumas reflexões propostas pelas epistemologias do Sul, em particular a ecologia de saberes, as sociologias das ausências e das emergências.

Organizei a proposta metodológica em três grandes etapas:

(i) A investigação do contexto dos documentários, ou seja, suas condições sociais de produção, a partir das entrevistas de três lugares de interlocução envolvidos em cada documentário; de documentos como as sinopses e artigos publicados que informam e analisam as questões diversas apresentadas no documentário.

(ii) A análise propriamente de cada documentário, compreendidos como textos a partir de cenas dos filmes com suas falas, expressões e cenários, em confronto com o contexto, ou seja, as condições sociais de produção levantadas anteriormente, em especial, destacando questões surgidas nas entrevistas realizadas.

(iii) Por fim, completo a análise conjunta dos três documentários articulando as análises anteriores. Esta análise global busca sintetizar como as dimensões comunicacionais e epistemológicas aparecem e se concretizam na produção dos documentários selecionados.

Resultados e Discussão

Na busca de responder as três questões centrais de minha investigação em torno das concepções de polifonia, de ecologia de saberes e processos colaborativos, articulei as análises anteriores, na etapa da tese que chamei de “Produzindo sentidos e saberes a partir de imagens e vozes”. Em síntese, busquei compreender as características, semelhanças, diferenças e singularidades apresentadas por cada um dos três documentários, o que só foi possível de ser realizado por reflexões a partir das imagens e vozes. Para essa análise global dos filmes destaquei três conjuntos de questões que buscam articular as dimensões comunicacionais e epistemológicas: (i) diversidade de vozes, polifonia e sociologia das ausências; (ii) ecologia de saberes: vivências e emergências; (iii) contribuições metodológicas: co-labor-ação, co-criação e co-produção.

Conclusões

A partir das lentes das epistemologias do Sul para estabelecer uma aproximação e reflexão teórica, concluo que as vozes e saberes que despontam desde a produção até o resultado final dos filmes envolvem e expressam os sujeitos excluídos que se organizam em situações concretas de luta social travadas contra os efeitos nocivos do agronegócio, contra a concentração de poder político e econômico, a expulsão de camponeses e agricultores familiares de suas terras. São lutas propositivas por qualidade de vida e saúde a partir da alternativa agroecológica, que implica em um



modelo alternativo de agricultura, de segurança e soberania alimentar que está associado a uma concepção mais democrática e sustentável de território e da sociedade como um todo.

Nos filmes analisados pode-se ver que a produção da riqueza feita pelo agronegócio encontra-se apartada dos interesses daqueles que vivem nos territórios atingidos. A denúncia científica une-se ao *coracionar* ao expressar o repúdio de todos por um modelo de agricultura excludente e insustentável. Esse aspecto demonstra a potência do cinema para participar da produção de um conhecimento transformador.

Os filmes selecionados intercalam momentos de indignação e de paixão por parte dos agricultores e dos pesquisadores militantes. Estes últimos, muitas vezes taxados de “ideológicos”, promovem uma ecologia de saberes no reencontro entre ciência, transformação social e arte.

FAPERJ - Fundação Pública de fomento de pesquisa científica e tecnológica no âmbito do estado do Rio de Janeiro.

Agradecimentos

Aos buscadores sinceros no caminho por conhecimento e dignidade.

Referências bibliográficas

ARAUJO, I. S. **Mercado simbólico: interlocução, luta, poder.** Um modelo de comunicação para políticas públicas. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. Ed. Martins Fontes, São Paulo 1997.

FASANELLO, Marina Tarnowski; NUNES, João Arriscado; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social. **RECIIS** (2018).

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, Set./Dez. 2008.

PORTO, Marcelo Firpo de Souza; ROCHA, Diogo Ferreira; FINAMORE, Renan. Saúde coletiva, território e conflitos ambientais: bases para um enfoque socioambiental crítico. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 19 (10): pp.4071-4080, 2014.

RIGOTTO, Raquel Maria et al. O verde da economia no campo: desafios à pesquisa e às políticas públicas para a promoção da saúde no avanço da modernização agrícola. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(06), 1533-1542, 2012.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.